



Quincas Borba

Machado de Assis





MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e faleceu também na capital fluminense, em 29 de setembro de 1908. Filho do pintor Francisco José de Assis e da portuguesa dos Açores, Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a mãe muito cedo e foi criado no Morro do Livramento. Sem meios para cursos regulares, estudou sempre como um autodidata. Com apenas 15 anos incompletos, publicou um soneto no *Periódico dos Pobres*, em 1854. Foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo.

Em 1856, entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, em 1858, era revisor e colaborador no *Correio Mercantil* e, em 1860, a convite de foi para redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Escrevia para a revista *O Espelho*, onde estreou como crítico teatral, para a *Semana Ilustrada* e para o *Jornal das Famílias*, no qual publicou de preferência contos. Fundou e ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia Brasileira de Letras, que futuramente passou a ser intitulada de Casa de Machado de Assis. Casou-se com a irmã do amigo, Carolina Augusta Xavier de Novais, a qual foi sua companheira perfeita durante 35 anos.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875) e pelo Parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), são considerados como pertencentes ao seu período romântico.

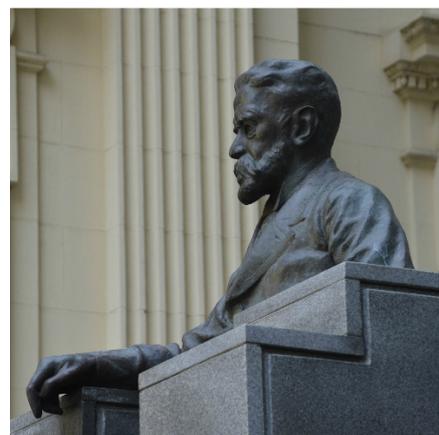
A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

Machado publicou na *Gazeta de Notícias*, de 1881 a 1897, diversos textos, mas, principalmente, suas melhores crônicas. Em 1881, saiu o livro que daria uma nova direção à carreira literária de Machado de Assis – *Memórias póstumas de Brás Cubas* –, dando início ao Realismo no Brasil. Sem dúvida, suas obras são as representantes máximas do Realismo, remodelando a literatura e trazendo conceitos que negaram a prática romântica em voga até então.

Como contista, publicou *Papéis avulsos*, no ano de 1882. Em 1889, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio no Ministério.

O “Bruxo do Cosme Velho”, como é conhecido Machado, é um dos maiores escritores que se tem notícia, entender suas inovações é a grande chave para se dar bem no vestibular. Não podemos esquecer que ele começou escrevendo sobre o molde alencariano, com romances românticos como as já citadas obras – *Ressurreição*; *A mão e a luva*; *Helena*, *Iaiá Garcia* –, mas, sem dúvida, seu reconhecimento se dá pelas obras realistas.

O diálogo com o leitor, a digressão, a metalinguagem e um mergulho na psicologia do homem montam este conjunto de genialidade temperada por uma ironia refinada que desnuda as aparências da sociedade burguesa com um cinismo elegante que fazem de Machado de Assis um dos maiores nomes da Literatura Mundial.



Cronologia biográfica

- **1839** – Nasce Joaquim Maria Machado de Assis, no dia 21 de junho, no Rio de Janeiro. Filho do brasileiro Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, moradores do Morro do Livramento.
- **1849** – O autor é cuidado por sua madrinha, após o falecimento de sua mãe e de sua única irmã.
- **1854** – Seu pai casa-se com Maria Inês da Silva, com quem Machado continuará vivendo após a morte do mesmo.
- **1855** – Publica “A palmeira”, seu primeiro trabalho, e “Ela”, seu primeiro poema no periódico *Marmota Fluminense*.
- **1856** – Entra para a Tipografia Nacional como aprendiz.
- **1858** – Estuda francês e latim com o professor padre Antônio José da Silveira Sarmiento. Torna-se o revisor de provas de tipografia e da livraria do jornalista Paula Brito, época em que conhece membros da Sociedade Petalógica, como Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo. Colabora no jornal *O Paraíba* e no *Correio Mercantil*.
- **1864** – Publica *Crisálidas*, seu primeiro livro.
- **1867** – Nomeado ajudante do diretor no *Diário Oficial*.
- **1869** – Casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novaes.
- **1873** – Nomeado o primeiro-oficial da secretaria do Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.
- **1878** – Por motivos de doença passa uma temporada em Friburgo.
- **1881** – Oficial de gabinete do ministro da Agricultura, Pedro Luis.
- **1888** – Oficial da Ordem da Rosa por decreto do imperador.
- **1889** – Diretor na Diretoria do Comércio.
- **1897** – É eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada por ele um ano antes.
- **1904** – Torna-se membro da Academia das Ciências, de Lisboa. Morre sua mulher, Carolina Xavier.
- **1908** – Falece na cidade do Rio de Janeiro, em 29 de setembro.

Contexto

Inglaterra e França detinham o controle administrativo, econômico e militar no mundo capitalista e caminhavam no afã de ampliar consumidores para seus produtos industrializados. Na segunda metade do século XIX, o Brasil consolidava o império apoiado na escravidão e com algum encaminhamento de modernização.

O Brasil, neste tempo, revelava uma visão do mundo vinculada ao modelo europeu colonizado. Enfrentava o racismo e a ideia de que o trabalho manual era algo indigno.

Machado de Assis viveu momentos históricos importantes da História do Brasil, como a luta abolicionista e a constituição da república, além da guerra do Paraguai, que repercutiram em sua produção literária. O período situado na segunda metade do século XIX, como foi dito, surgiu como um momento de intensas transformações na sociedade brasileira. O que é possível perceber no romance *Quincas Borba*, em que o Rio de Janeiro, por ser a corte, era um espaço onde surgiam os enganadores e suas falcatuas.

O romance machadiano



Estilo

Elegância e certa contenção ao escrever, rápidas pinceladas na composição da personagem, muita descrição: eis o estilo machadiano de criar. Sempre foi adepto de personagens fortes. A sua grande capacidade de observação do ser humano e da sociedade já vem impressa desde o início – não é um privilégio da fase realista.

Machado de Assis organizou seus personagens de modo diverso ao dos românticos, ainda que tivesse sabido aproveitar as ligações que aprendeu da leitura de grandes mestres, como o próprio José de Alencar, o português Almeida Garrett, o francês Victor Hugo ou o inglês Swift.

Entrelinhas – não ditos

“No romance machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espiritual. A prosa é detalhista ao extremo, sempre à cata de efeitos imediatos, o que amarra a leitura ao pormenor e dificulta a imaginação do panorama. Em consequência, e por causa também da campanha do narrador para chamar a atenção sobre si mesmo, a composição do conjunto pouco aparece.”

(SCHWARZ, Roberto. In: *Um mestre na periferia do capitalismo – Machado de Assis*. p. 18)

Ironia anatômica: o olhar por detrás das máscaras

Nos romances iniciais, Machado é um romântico um pouco diferente: já é marcante a crítica que haveria de constituir sua característica singular. Em sua obra, o casamento não era a cura para todos males (como faziam os românticos), mas um tipo de comércio, uma certa troca de favores.

Nos romances escritos após 1880, passou a acentuar essa crítica social, assumindo uma fina ironia quando focaliza questões delicadas como o casamento, o adultério, a exploração do homem pelo próprio homem. Acostumou-se a olhar por detrás das máscaras sociais, a fim de desmascarar o jogo das relações sociais, de compreender a natureza humana, focalizando personagens com espírito de análise. Em outras palavras, Machado de Assis acreditava que nos indivíduos existem sempre intenções supostas para objetivos reais. É disso que resulta os atos, os quais se dirigem para a satisfação pessoal de quem os pratica.

Digressão

Própria do discurso oratório, a digressão pode apresentar qualquer medida, aparecer em qualquer parte do texto e em obras de qualquer outra natureza, sobre tudo a poesia épica, o romance e o ensaio. Empregada desde a antiguidade greco-latina, constitui expediente difícil de manejar, uma vez que pode comprometer a integridade da obra em que se insere. Por isso, hoje em dia, tende a ostentar sentido pejorativo, equivalente a “desvio”, “divagação”, “subterfúgio”.

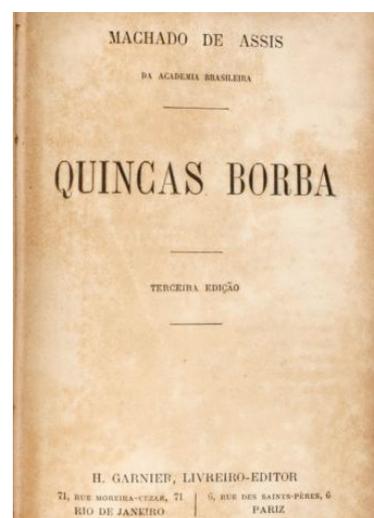
(Moisés Massaud. 2004, p. 125)

Crítica

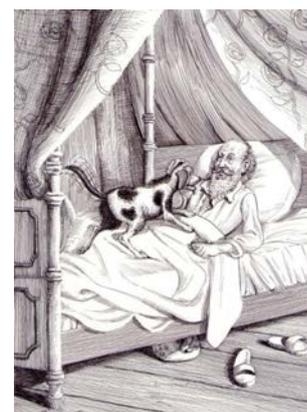
“Seja no plano da forma, através das interrupções, seja no plano do conteúdo, através de anedotas e apólogos sobre a vaidade humana, a experiência visada não muda, (...) Machado carrega a tinta com maestria – são formas fechadas em si mesmo, e neste sentido, matéria romanesca de segunda classe, estranha ao movimento global própria ao grande romance oitocentista.”

(SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. p. 51.)

QUINCAS BORBA



Personagens



- **Rubião:** ex-professor que ensinava no primário em Barbacena, enfermeiro e protagonista da história. Ele é o herdeiro do filósofo Quincas Borba. Rubião e Cristiano se tornam sócios em uma importadora, Palha & Cia. De origem humilde, muda de vida radicalmente quando conhece Quincas Borba, tornando-se seu herdeiro. Mostra

descontrole sobre a fortuna, além de se mostrar ingênuo. Apaixona-se por Sofia, mulher de seu mais novo amigo, Cristiano Palha.

“Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto.”

- **Cristiano Palha:** esposo de Sofia e suposto amigo de Rubião, mas que afinal está somente interessado em sua fortuna. Cristiano rompe a sociedade com Rubião, alegando a necessidade de desligar-se da empresa a fim de capacitar-se a assumir cargos no sistema financeiro. Na verdade, já estabelecido, Cristiano quer continuar a conduzir sozinho os seus negócios. Sofia também se afasta de Rubião, recusando seus insistentes convites para passeios.

“Chegados à estação da corte, despediram-se quase familiarmente (...). No dia seguinte, estava Rubião ansioso por ter ao pé de si o recente amigo da estrada de ferro, e determinou ir a Santa Teresa, à tarde; mas foi o próprio Palha que o procurou logo de manhã.”

- **Sofia Palha:** esposa de Cristiano e que por fim, fica interessada em Carlos Maria. Ela apoia o marido em suas ações.

“As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia, aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas. Não seria tudo o que o nosso amigo sentia, mas era muito. Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos.”

- **Carlos Maria:** homem que desperta o interesse de Sofia e que por fim, casa-se com sua prima. Torna-se também amigo de Rubião. É um rapaz jovem que respira prepotência. Além de franco, expansivo e possuir bons modos.

“Queres o avesso disso, leitor curioso? Vê este outro convidado para o almoço, Carlos Maria. Se aquele tem os modos “expansivos e francos”, – no bom sentido laudatório, – claro é que ele os tem contrários. Assim, não te custará nada vê-lo entrar na sala, lento, frio e superior, ser apresentado ao Freitas, olhando para outra parte. Freitas que já o mandou cordialmente ao diabo por causa da demora (é perto do meio-dia), corteja-o agora rasgadamente, com grandes aleluias íntimas.”

- **Maria Benedita:** ela é a prima de Sofia e esposa de Carlos Maria. Uma personagem secundária desta obra. No livro, há o relato de que o nome “Maria Benedita” a incomodava, por ser um nome de velha. É uma mulher prendada, que aprende bons costumes com sua prima.

“Maria Benedita, nome que a fechava, por ser de velha, dizia ela; mas a mãe retorquia-lhe que as velhas foram algum dia moça as meninas, e que os nomes adequados às pessoas eram imaginações de poetas e contadores de histórias.”

- **Camacho:** advogado, político e falso jornalista, figura que vai se aproveitar da fortuna de Rubião.

“Ao mesmo tempo entrou no gabinete, onde os dez homens tratavam de política, porque este baile, ia-me esquecendo dizê-lo, era dado em casa de Camacho, a propósito dos anos da mulher.”

- **D. Fernanda:** A personagem nasceu em Porto Alegre e possuía pouco mais de trinta anos. Era jovem, expansiva, corada e robusta.

“Sofia organizou a comissão, que trouxe novas relações à família Palha. Incluída entre as senhoras que formavam uma das subcomissões, Maria Benedita trabalhou com todas, mas granjeou em especial a estima de uma delas, D. Fernanda, esposa de um deputado. D. Fernanda se casara com um bacharel das Alagoas, deputado agora por outra província, e, segundo corria, prestes a ser ministro de Estado.”

- **Dona Tônica:** é uma personagem secundária. D. Tônica é filha do Major Siqueira. Ela é caracterizada por ser uma “solteirona” desesperada para se casar.

- **Quincas Borba (o cão):** teve esse nome dado pelo seu dono, também chamado Quincas Borba e, mais tarde, vem a ter outro dono: Rubião. Este cão, ao longo do livro, mostra-se amável e fiel com os seus dois donos. As atitudes do cão faziam com que Rubião achasse que ele recebeu a alma do filósofo morto (Quincas Borba).

Espaço e tempo

O livro foi publicado em 1891, porém, a história inicia-se em 1867, em Barbacena, MG, estendendo-se para o Rio de Janeiro, a partir de 1870. Toda a história se passa em Barbacena que por conta da universalidade do texto poderia ser qualquer lugar do mundo. Fora isso, os fatos intermediários acontecem na Corte (RJ). Como se a história pudesse se passar em quaisquer das muitas cortes ou Barbacena's pelo mundo.

"Há muitos Palha's e Sofia's nesse mundo."

Foco narrativo

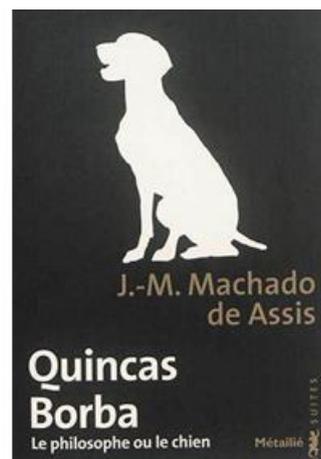
Narrado em terceira pessoa, o narrador da obra possui uma posição imparcial sobre os fatos. O narrador de Quincas Borba é, em certa medida, o próprio Machado de Assis. É importante observar que não se deve confundir o narrador com o escritor.

Machado de Assis assume a postura de escritor/narrador. A passagem a seguir, como outras da obra, quebra a objetividade do narrador em terceira pessoa:

"Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler Memórias Póstumas de Brás Cubas, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora, em Barbacena."

Temas: filósofo ou cachorro?

O romance tem como principal característica o foco nas relações sociais da época. Machado faz fortes críticas as relações humanas, por exemplo, o casamento por interesse. Temas como interesse, herança, traição, poder, aparência, loucura, ironia, imoralidade e falsidade são salientadas na obra de Machado.



A traição enquanto temática sempre presente nas obras machadianas de caráter realista, é insinuada no interesse que Sofia manifesta pelos homens que a cortejam: vale mencionar os personagens Rubião e Carlos Maria. Não chega a de fato acontecer, talvez porque a moça vai encontrar no marido o seu melhor parceiro, na enganação, sendo esta, enfim a temática central da obra.

O engodo em sua generalização sugere é a existência de uma sociedade improdutiva e parasitária, que age sempre sob máscaras que dissimulam duvidosas transações financeiras e falsos elogios nos jornais. O jogo de aparências revela a sociedade: um diretor de banco é humilhado em uma visita ao ministro e desconta em Cristiano Palha, tratando-o da mesma forma. O próprio Rubião, senhor de sua fortuna, sente-se pequeno ao se deparar com a suntuosidade de uma baronesa do Império. Neste sentido, a demonstração de poder é sempre mais importante que o poder em si, que permanece mascarado.

No desenrolar do enredo, o leitor pode-se perguntar as razões do título dado ao livro, seria uma referência ao filósofo que morre logo na abertura ou ao cachorro que fica de herança? A resposta não pode ser respondida sem a reflexão de que ambas as respostas estão certas. Segundo a filosofia criada por Quincas Borba, Humanitas é o princípio da existência que se manifestaria em todo ser vivente, podendo também existir no cão. E talvez esteja nesse princípio a verdadeira razão do título: ele pode ser uma referência ao Humanitismo.

A história de Rubião confirma a filosofia de Quincas Borba, afinal. Sofia e seu marido não fazem mais do que seguir a máxima segundo a qual "Humanitas precisa comer". Eles seguem à risca essa prescrição, alimentando-se da fortuna e da credibilidade de Rubião. Os espólios da guerra se destinam aos vitoriosos, segundo outra máxima da filosofia que retoma Quincas e se coloca na fala de Rubião antes de morrer: "Ao vencedor, as batatas". Rubião é

o derrotado justamente por representar o anti-Humanitas, uma vez que nada em sua vida foi conseguido com luta, mas por mera condição do acaso. Sua loucura gradativa – aproximada da loucura que atinge Quincas Borba – é a confirmação do destino de quem acreditou excessivamente na aparência, ironicamente Rubião morreu acreditando-se Napoleão III.

Neste sentido, Quincas Borba simboliza a reafirmação dos princípios humanistas, desnudos de moralidade, onde tudo é permitido, porque tudo se faz em nome da substância original. A filosofia se enquadra perfeitamente no jogo de fingimento das relações sociais - a moralidade aparente esconde a imoralidade da essência dessas relações.

A filosofia: intertextualidade



Vale notar que na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Quincas Borba é citado pelo escritor. Por isso, Quincas Borba pode ser considerado (em partes) uma continuação de Brás Cubas.

As narrativas de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e de *Quincas Borba* tocam-se no início do capítulo IV, sendo uma espécie de continuação daquela. Mas a história de *Quincas Borba* é completamente outra.

Este romance mostra a caminhada de Rubião para a loucura. De modo que o verdadeiro elo entre os romances é apenas o Humanitismo, filosofia com a qual Quincas Borba marcou sensivelmente Brás Cubas, mas da qual apesar de seus esforços, nada conseguiu transmitir a Rubião.

Nas duas obras, Machado menciona sobre a teoria filosófica do Humanitismo criada por Quincas.

Segundo o filósofo, esse conceito está relacionado com a exploração das pessoas e a falta de humanismo na construção das relações sociais.

Assim, nessa luta incessante pela sobrevivência, os ingênuos são manipulados pelos espertos. Sendo assim, os fracos padecem, e os fortes permanecem vivos e manipulando outros.

O livro representa a filosofia inventada por Quincas Borba, de que a vida é um campo de batalha onde só os mais fortes sobrevivem e que fracos e ingênuos, como Rubião, são manipulados e aniquilados pelos superiores e espertos, como Palha e Sofia, que no fim da obra terminam vivos e ricos.

Humanitismo

“Nunca há morte. Há encontro de duas expansões, ou expansão de duas formas.”



Ilustração de D.G. Davis

Com essa máxima, Quincas Borba criou sua filosofia e ao explicá-la melhor deu cabo a célebre máxima: “Ao vencedor, as batatas”.

Este é o princípio que rege a lógica constitutiva desta obra, portanto é de suma importância que o aluno entenda a tal explicação:

Com a palavra, o Quincas:

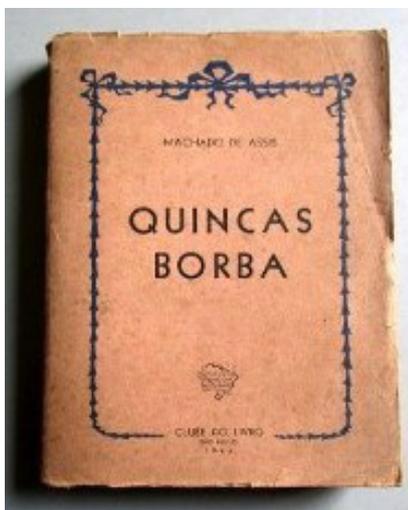
“Supõem-se em um capo de duas tribos famintas. As batatas apenas chegavam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em

abundância; mas se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrerão de inanição. A paz, neste caso, é a destruição; a guerra, é a esperança.

Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí, a alegria da vitória, os hinos, as aclamações. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se. Ao vencido, o ódio ou compaixão. Ao vencedor, as batatas!”

Esta tal “filosofia” se enquadra no jogo de fingimento das relações sociais em que a aparente moralidade esconde a imoralidade dessas relações.

Resumo da obra



É logo no título da obra que se vê uma referência direta ao filósofo Quincas Borba, como é sabido por todos é um personagem que aparece pela primeira vez na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que morre logo no início da história. Após a sua morte, Pedro Rubião de Alvarenga que era seu discípulo e enfermeiro particular, é beneficiado com uma grande herança.

Com o benefício da herança, Rubião se muda da fazenda que vivia em Barbacena – cidade de Minas Gerais –, para um palacete no bairro do Botafogo no Rio de Janeiro.

Além disso, Rubião fica encarregado de cuidar do cão de seu amigo, que também, ironicamente – diga-se que de passagem –, se chamava: Quincas Borba.

A obra narra a história de Rubião, que é um ex-professor primário e enfermeiro, que decide mudar sua vida provinciana passando a viver na cidade. No ínterim de sua trajetória, o enfermeiro conhece o casal Palha: Sofia e Cristiano.

A partir daí, ele começa a ter contato com diversas características que o levam a se tornar um “professor capitalista”.

Rubião foi visto no Rio de Janeiro como uma pessoa que facilmente poderia ser enganada, dada a sua ingenuidade e vida simples que levava em Minas Gerais. Então, Rubião passa a conviver com o casal Palha, seus supostos novos “amigos” – e acaba por se interessar por Sofia, devido a beleza e meiguice da moça. Em certo ponto da história, Rubião, finalmente, resolve declarar seu amor, porém é rejeitado por Sofia, pois era fiel a seu marido. Sofia conta a Cristiano que mesmo sabendo dos intentos continua a relação com Rubião, já que tinha interesses em sua fortuna.

Rubião, aos poucos, vai ficando louco motivado pela decisão de Sofia. Ele acredita ser Napoleão III e repete aos quatro cantos a máxima de seu amigo falecido Quincas “Ao vencedor, as batatas”.

Fala de Quincas Borba:

“Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Ao final da história, Rubião foge para Barbacena e ali morre ele e o cão e o casal Palha, por outro lado, tornam-se ricos.

Trechos da obra

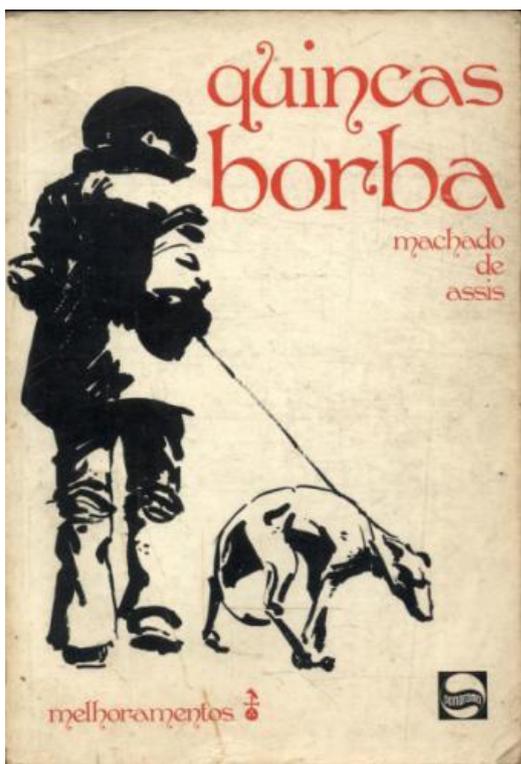
Acompanhe alguns trechos para compreender melhor a linguagem utilizada no livro. Confira abaixo:

Prólogo da 3ª edição

A segunda edição deste livro acabou mais depressa que a primeira. Aqui sai ele em terceira, sem outra alteração além da emenda de alguns erros tipográficos, tais e tão poucos que, ainda conservados, não encobririam o sentido.

Um amigo e confrade ilustre tem teimado comigo para que dê a este livro o seguimento de outro. “Com as Memórias Póstumas de Brás Cubas, donde este proveio, fará você uma trilogia, e a Sofia de Quincas Borba ocupará exclusivamente a terceira parte.” Algum tempo cuidei que podia ser, mas relendo agora estas páginas conluo que não. A Sofia está aqui toda. Continué-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria pecado. Creio que foi assim que me tacharam este e alguns outros dos livros que vim compondo pelo tempo fora no silêncio da minha vida. Vozes houve, generosas e fortes, que então me defenderam; já lhes agradei em particular; agora o faço cordial e publicamente.

1899 – M. de A.



Capítulo II

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, vexado daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... – Bonita canoa! – Antes assim! – Como obedece bem aos remos do homem! – O certo é que eles estão no céu!

Capítulo XCV

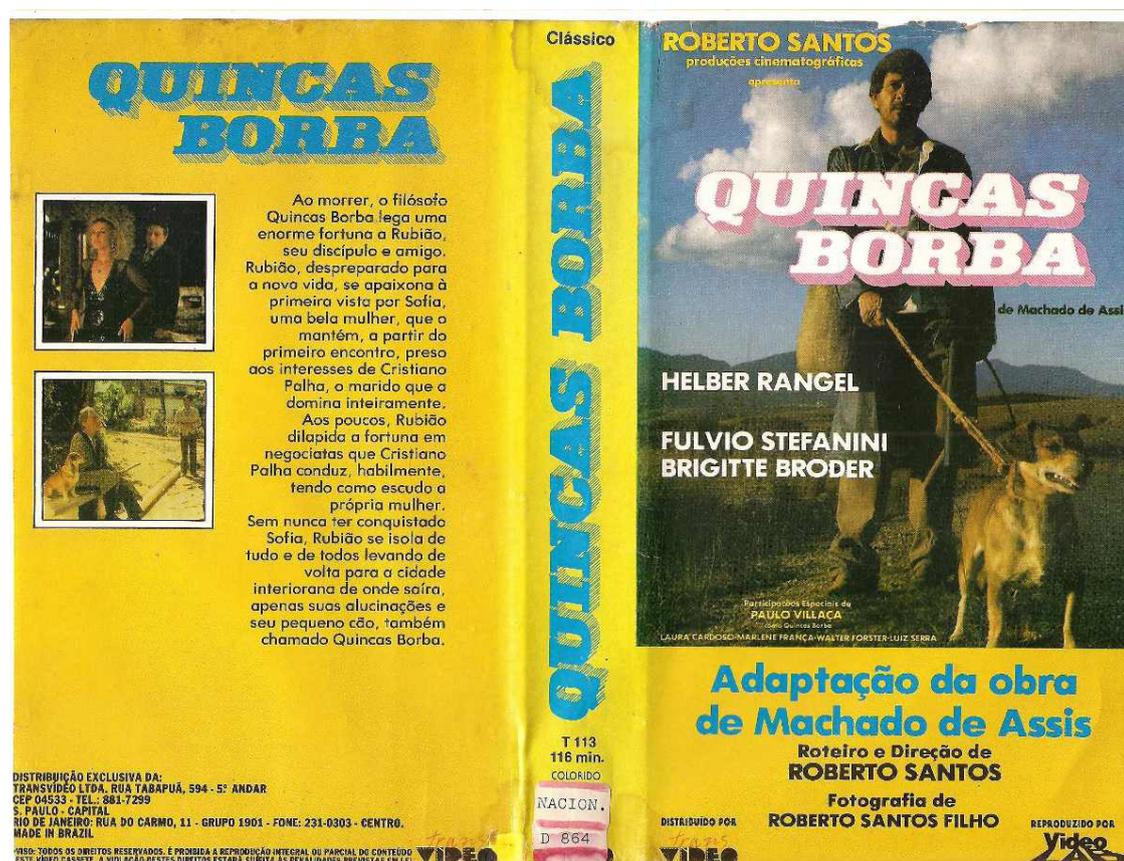
Vou agarrá-la antes de chegar ao Catete, disse Rubião subindo pela Rua do Príncipe.

Calculou que a costureira teria ido por ali. Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado; um deles pareceu-lhe de mulher. Há de ser ela, pensou; e picou o passo. Entende-se naturalmente que levava a cabeça atordoada: Rua da Harmonia, costureira, uma dama, e todas as rótulas abertas. Não admira que, fora de si, e andando rápido, desse um encontrão em certo homem que ia devagar, cabisbaixo. Nem lhe pediu desculpa; alargou o passo, vendo que a mulher também andava depressa.

Capítulo CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão prenehe de questões, que nos levariam longe. Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

No cinema



Em 1987, foi lançado o longa-metragem Quincas Borba, dirigido por Roberto Santos. Assistir ao filme pode complementar o entendimento da obra, mas nunca substituir a leitura da mesma.

Sinopse

Releitura para os tempos atuais do clássico de Machado de Assis. Rubião sai do interior de Minas Gerais com apenas um objetivo em mente: aproveitar ao máximo todos os prazeres que uma cidade como o Rio de Janeiro pode lhe oferecer, em uma viagem patrocinada pelo dinheiro que seu mestre, o filósofo Quincas Borba, lhe deixou como herança. No entanto, assim que Rubião chega à Cidade Maravilhosa as coisas começam a se complicar.

(Fonte: <www.adorocinema.com/filmes/filme-243499>. Acessado em: janeiro de 2019)

APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS

1. (ITA) Em 1891, Machado de Assis publicou o romance *Quincas Borba*, no qual um dos temas centrais do Realismo, o triângulo amoroso (formado, a princípio, pelas personagens Palha–Sofia–Rubião), cede lugar a uma equação dramática mais complexa e com diversos desdobramentos. Isso se explica porque:

- o que levava Sofia a trair Palha era apenas o interesse na fortuna de Rubião, pois ela amava muito o marido.
- Palha sabia que Sofia era amante de Rubião, mas fingia não saber, pois dependia financeiramente dela.
- Sofia não era amante de Rubião, como pensava seu marido, mas sim de Carlos Maria, de quem Palha não tinha suspeita alguma.
- Sofia não era amante de Rubião, mas se interessou por Carlos Maria, casado com uma prima de Sofia, e este por Sofia.
- Sofia não se envolvia efetivamente com Rubião, pois se sentia atraída por Carlos Maria, que a seduziu e depois a rejeitou.

2. (PUC-RS) No início de *Quincas Borba*, a personagem Rubião avalia sua trajetória, enquanto olha para o mar, para os morros, para o céu, da janela de sua casa, em Botafogo. Passara de _____ a capitalista ao _____. Mas, no final do romance, o personagem acaba morrendo na miséria. As lacunas podem ser corretas e respectivamente preenchidas por:

- jornalista – receber um prêmio
- professor – receber uma herança
- enfermeiro – se tornar comerciante
- filósofo – investir em terras
- enfermeiro – se casar com Sofia

3. (Ufrgs) Assinale a alternativa correta em relação a *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

- O título do livro, como esclarece o narrador, refere-se ao filósofo Quincas Borba, criador do “Humanitismo”.
- Quincas Borba* é apenas um interiorano milionário explorado por parasitas sociais como Palha e Camacho.
- Rubião é objeto de disputa amorosa entre a bela Sofia e dona Tonica, filha do major Siqueira.
- Rubião, sócio do marido de Sofia, comete adultério com ela sem levantar suspeitas.
- Ao fugir do hospital, Rubião retorna com *Quincas Borba* à sua cidade de origem, Barbacena.

As questões 4 e 5 referem-se ao texto a seguir, extraído do sexto capítulo de *Quincas Borba* (1892), de Machado de Assis (1839-1908).

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 648-649.)

4. Com base nas palavras de *Quincas Borba*, considere as afirmativas a seguir:

- As duas tribos existem separadamente uma da outra.
- A necessidade de alimentação determina os termos do relacionamento entre as duas tribos.
- O relacionamento entre as duas tribos pode ser amistoso (“dividem entre si as batatas”) ou competitivo (“uma das tribos extermina a outra”).
- O campo de batatas determina a vitória ou a derrota de cada uma das tribos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- I e IV.
- II e III.
- III e IV.
- I, II e III.
- I, II e IV.

5. (UEL) O Humanitismo, filosofia criada por *Quincas Borba*, é revelador:

- do posicionamento crítico de Machado de Assis aos muitos “ismos” surgidos no século XIX: darwinismo, positivismo, evolucionismo.
- da admiração de Machado de Assis pelos muitos “ismos” surgidos no início do século XX: futurismo, impressionismo, dadaísmo.
- da capacidade de Machado de Assis em antever os muitos “ismos” que surgiriam no século XIX: darwinismo, positivismo, evolucionismo.

- d) da preocupação didática de Machado de Assis com a transmissão de conhecimentos filosóficos consolidados na época.
- e) da competência de Machado de Assis em antecipar a estética surrealista surgida no século XX.

6. (Cefet-PR) A filosofia de Quincas Borba é explicada nos primeiros capítulos do romance. Posteriormente, em alguns momentos de delírio, Rubião recorda-se dos ensinamentos do mestre e os sintetiza na frase: "Ao vencedor, as batatas". A versão completa da máxima, enunciada por Quincas a Rubião no capítulo 6, é esta: "Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas".

A filosofia inventada por Quincas Borba pode ser comprovada com os seguintes acontecimentos do romance, exceto:

- a) a organização da comissão das Alagoas.
- b) a morte da avó de Quincas, atropelada por carro puxado a cavalos.
- c) o tipo de relação estabelecida entre Camacho e Rubião.
- d) o empenho de D. Fernanda em casar Maria Benedita.
- e) o gesto de Rubião de salvar de um atropelamento o menino Deolindo.

7. (Fatec) Leia o texto.

Capítulo CC

Poucos dias depois, [Rubião] morreu... Não morreu súbdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Capítulo CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá título ao livro, e por que antes um que

outro, — questão preenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

(Machado de Assis. *Quincas Borba*.)

Depreende-se do texto que:

- a) ao narrar a agonia de Rubião, o narrador deixa implícito que aquele merecia as honrarias de um rei.
- b) a ambiguidade no título do romance, Quincas Borba, justifica-se pelo fato de o autor não conseguir definir-se por homenagear o filósofo ou seu cão.
- c) a afirmação que encerra o capítulo CC revela um traço machadiano característico: a ironia.
- d) a declaração de que Sofia não quis fitar o Cruzeiro revela a indiferença como matriz do estilo do autor.
- e) a linguagem empregada para descrever a morte de Quincas Borba revela tendência do narrador a dar mais importância ao cão do que a Rubião.

GABARITO

1. D 2. B 3. E 4. D 5. A
6. D 7. E

